

**this song is twice occurred**, composta por henrique iwao, para sexteto e regente, maio de 2012; feita sob encomenda para o *ensemble abstrai*

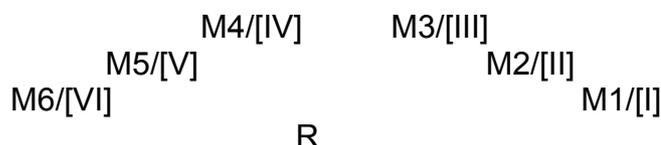
### instruções para os músicos

A1. o sexteto deve ser composto de músicos tocando instrumentos/instrumentários adequados.

A2. considera-se um instrumento/instrumentário adequado aquele que atende às demandas implicadas na correta execução das <instruções para os músicos>.

A3. um exemplo de inadequação seria usar um instrumento/instrumentário para tocar o <modo 1> e outro para o <modo 2>. deve-se ao menos usar todos os instrumentos/instrumentários disponíveis no <modo 1>, sempre.

B1. cada músico deve posicionar-se em um local específico [n], ficando com uma posição Mn (n o número do músico, contando da direita para a direita). o regente R aponta seus gestos para [n].



B2. pode parecer estranho diferenciar [N] de Mn, mas o fato é que, na partitura do músico, há um momento em que o músico Mn passa a atender a gestos apontados para outro lugar que não [N] = {[Ni] = n}.

B3. na partitura dos músicos [Ni] indica a qual posição indicada pelo regente o músico deve responder. no começo [N0] corresponde a [Mn], como mostrado acima. entretanto, há duas mudanças virtuais das posições dos músicos. elas são indicadas na partitura. em ambas, o músico que respondia pelas indicações dadas pela posição [I] dali em diante responde pelas indicações dadas pela posição [II]; o da [II] passa a responder pelas da [V], da [V] pela [VI], da [VI] pela [IV], da [IV] pela [III], da [III] pela [I].

B4. a partir da primeira mudança, há uma disparidade entre os gestos do regente (para onde ele aponta) e os músicos que a eles respondem (que estão em outras posições reais).

### na partitura

C1. rabiscos indicam que o músico deve tocar o <modo 1>: improvisação caótica, frenética e impetuosa. é necessário controle dinâmico e controle de âmbito (região de alturas, ou, principalmente no caso de ruídos e sons percutidos, região timbrística).

- por ser um improviso caótico exige que o músico não saiba precisar, de uma ação a outra, qual será o resultado sonoro.
- por ser frenético, o músico não deve ter descanso, deve estar sempre tocando muito, rápido e muito.
- por ser impetuoso, exige tensão, tanto muscular quanto mental.
- o resultado sonoro do <modo 1> poderia talvez ser descrito a partir da caracterização: improviso ruidoso, esbarrado, como que em desequilíbrio.

C2. o músico deve traçar, para o <modo 1>, uma trajetória de direcionalidade, durante a peça. esta pode ser simples ou não tão simples. essa direcionalidade é uma direcionalidade de âmbito / gama de timbres. ela deve ser tão gradual quanto possível, no decorrer da peça.

C3. senoidais indicam que o músico deve tocar o <modo2>: som pedal, cuja nota ou harmonia do acorde, deve ser montada a partir das escalas indicadas, escritas nos pentagramas indicados.

- quando houver um novo pentagrama indicando outras notas, a partir dessa ocorrência são apenas aquelas notas que estarão disponíveis (um pentagrama substitui as possibilidades do outro).
- os sons pedais são tocados normalmente sem vibrato.
- não devem ser escolhidos sons que sejam harmonicamente idênticos ou mesmo parecidos aos últimos 3 sons pedais que o músico tocou e tampouco aos últimos 2 sons tocados desta forma pelo conjunto. se isso for inevitável, o músico deve tocar o pedal com um vibrato exagerado ou opção similar (caso o vibrato seja impossível). a exceção a isso está descrita em C4.
- não se pode escolher o som pedal a ser tocado com antecedência maior que 2 tempos. se algum for escolhido antes disso, não deve ser aquele tocado (deve-se esperar e escolher de novo, quando estiver mais próximo de tocar).

C4. quando há um triângulo entre duas ocorrências do <modo 2>, então o músico deve escolher o novo som pedal com base nas notas sucessoras das notas que estavam sendo antes utilizadas. entende-se por notas sucessoras aquelas imediatamente mais agudas às notas de referência, dentro da escala válida.

C5. novelos indicam que o músico deve tocar o <modo3>: tocar música de acompanhamento, uma música que dê mostras de uma ausência - da melodia principal, do instrumento principal.

- o músico deve saber tocar esse trecho de cor.
- sempre que recomeçar a tocar o <modo 3>, o músico deve fazê-lo do exato ponto em que parou da última vez, como se sua linha musical tivesse sido colocada em espera (em 'pause', e agora o regente aperta o 'play' novamente).
- o trecho deve ser razoavelmente longo (não se trata de algo que lembre um *loop*).
- quando chegar ao final do trecho, recomeça-lo do começo.

D1. um círculo indica entrada do músico. círculos preenchidos indicam entrada obrigatória. círculos não preenchidos indicam permissão para o músico entrar. ou seja, ele pode entrar na mesma hora ou postergar por alguns momentos. caso, antes de começar a tocar (entrar), ele receba uma outra ordem do regente, ele perde a oportunidade anterior.

D2. um retângulo indica saída do músico. retângulos preenchidos indicam saída obrigatória. retângulos não preenchidos indicam saída permitida.

D3. um triângulo indica mudança no modo, forma e/ou dinâmica para o músico. um triângulo preenchido indica obrigação de mudança. um triângulo não preenchido indica permissão de mudança.

quando o <modo> é mantido após o triângulo, existem algumas especificidades.

- quando é mantido o <modo 1> (rabiscos) o músico *pode* realizar uma pequena ruptura de direcionalidade, conforme seu esquema previamente estabelecido.
- quando é mantido o <modo 2> (senoidais) o músico *pode* trocar o seu <som pedal>, segundo as regras apropriadas.

- quando é mantido o <modo 3> (novelos) o músico *pode* pular um trecho do seu acompanhamento (uma analogia ao 'skip' que ocorre em cds riscados, ocasionalmente).

quando há a manutenção do modo, forma e dinâmica, entre o que vem antes e depois de um triângulo, substitua a palavra *pode* pela *deve*.

E1. marcatexto verde indica que a forma de tocar deve ser o <toque das sombras>: tocar sem fazer som, como se o próprio corpo fosse imaterial, como uma sombra. ou seja, deve-se ter como objetivo manter a intenção do tocar, os impulsos, a gestualidade (como se estivesse tocando em modo mudo). dito isso, deve-se tentar esbarrar o mínimo possível (embora seja inevitável, de quando em quando).

E2. marcatexto rosa indica que a forma de tocar deve ser a <mímica>: uma mímica silenciosa do <estar tocando>. ela deve exagerar aspectos visuais e gestuais. assim, deve ser a correta "aparência de estar tocando", de um ponto de vista hiperrealista.

E3. caso não esteja com marca textos, a forma de tocar é <normal>: toca-se normalmente, produzindo som.

E4. transições de uma forma de tocar a outra são marcadas analogamente com transições de traçados de marca texto. essas transições, quando não abruptas, devem ser executadas de forma linear (por exemplo, progressivamente, de <normal> à <mímica>, isto é, partindo de um forma de tocar normal, cada vez mais estar numa forma de tocar de mímica, até chegar a só tocar na forma <mímica>).

F1. o tempo da obra deve ser lido da esquerda para a direita, do início ao final de cada sistema, indo assim para o próximo. os tempos são indicados aproximadamente para o músico. assim, ele deve orientar-se de fato pelos gestos do regente.

F2. os músicos olham atentamente para o regente tanto quanto for possível. só desviam o olhar quando tem de consultar a partitura, rapidamente, ou quando estão em pausa.

F3. o número de tempos das pausas estão indicados na partitura. os músicos em pausa devem ficar ou

- a) de olhos fechados, o máximo de tempo possível, quando a pausa é longa.
- b) de olhos abertos, mas balançando a cabeça rapidamente de um lado para o outro, quando a pausa é curta.

há de se tomar cuidado, entretanto, para não passar do tempo máximo possível exercendo essas atividades e perder a próxima entrada do regente, por não estar atentamente olhando para ele.